

OS CONTORNOS DA ILHA: LIMITES, FRONTEIRAS, LITORAIS¹

THE ISLAND OUTLINES: BORDERS, FRONTIERS, COASTALS

Juliana Prestes de Oliveira*

<https://orcid.org/0000-0002-2624-0702>.

Nícollas Cayann**

<https://orcid.org/0000-0001-9493-1102>.

Amanda Laís Jacobsen de Oliveira***

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6963-2458>.

NEUMANN, Gerson Roberto; CUNHA, Andrei dos Santos; FERREIRA, Cinara; BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. (org.). **Arquipélagos**: estudos de literatura comparada. Porto Alegre: Class, 2018. 240 p.

A leitura de *Arquipélagos* nos convida a pensar acerca da literatura e da literatura comparada. A partir disso, discorreremos, no texto que segue, sobre tais pensamentos, ligando-os a teorias que evocam tais temáticas, bem como as ideias presentes no livro.

O termo “literatura”, na condição de objeto de pesquisa, possui, por si só, um caráter plurissignificativo. Os desdobramentos literários são ocorrências plausíveis, em contextos variados, no uso de abordagens bastante diversificadas, que se adequam à necessidade da pesquisa ou da escrita (WATT, 2010). A ideia de literatura comparada é cunhada com um enfoque

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

* Licenciada em Letras Português-Inglês, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e Mestre em Letras Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras), da Universidade de Santa Maria (UFSM) no Rio Grande do Sul (RS). Doutoranda em Letras Literatura, bolsista Capes/DS, e acadêmica do Curso EaD de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) aplicadas à educação, ambos pela UFSM. E-mail: <jprestesdeoliveira@gmail.com>.

** Doutorando em Letras Estudos Literários, pela UFSM-RS. Bacharel em Relações Internacionais, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), RS. Mestre em Literatura Comparada, pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Paraná. Desenvolve estudos relacionados à literatura de viagem, literatura latino-americana e estudos de gênero. E-mail: <nicollascayann@gmail.com>.

*** Doutora e Mestra em Letras (Estudos Literários) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, RS. Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela UTFPR, Pato Branco, PR. Desenvolve estudos relacionados à Literatura de Língua Inglesa bem como a estudos feministas. E-mail: <amandajacobsen.o@gmail.com>.

interdisciplinar no qual a alteridade e o manejo com o outro instauram-se como mecanismos frequentes do repertório comparatista. Segundo Coutinho (2011), para Susan Bassnett,

[...] a Literatura Comparada evoluiu significativamente nas últimas décadas do século XX e é agora um tipo dinâmico de estudo que reconsidera questões centrais de identidade cultural, construção de cânones literários, implicações políticas da influência cultural, periodização e historiografia literária, e que não mais aceita a a-historicidade da Escola Americana e da perspectiva puramente formalista. Estas questões, que estiveram presentes no contexto de configuração da disciplina – a Europa revolucionária da primeira metade do século XIX –, mas depois foram deixadas de lado em função da preocupação universalista e da supervalorização da aura do objeto estético, voltam agora a transparecer. (COUTINHO, 2011, p. 9).

Enquanto o termo “literatura” surge em um contexto sumariamente nacional (aqui principalmente ligado ao contexto europeu ocidental), e por isso mesmo limitado, a literatura comparada apresenta-se como uma atravessadora de fronteiras nacionais (PRAWER, 2011), gerando um formato mais abrangente de literatura, uma literatura que ultrapassa limites, fronteiras e se encontra com o outro ao pé do litoral. Os limites e as fronteiras são muralhas, são sólidos, fixos, o litoral não. O litoral laciano é o espaço do encontro, a areia sedimentada da praia encontra-se com a água e uma adentra a outra, e, ao mesmo tempo, deixam-se adentrar simultaneamente (COSTA, 2009). Esta é a metáfora perfeita para entender o *interdisciplinar*: não se trata de colocar, lado a lado, duas ou mais disciplinas; trata-se de *adentrá-las*. Desse modo, os estudos comparados são pequenas ilhas que se agrupam e se tornam arquipélagos. Na história da humanidade, a ilha tem dois rumos significativos principais: o primeiro, e o mais óbvio, é o lugar do eu, o local do isolamento. A insularidade tem propriedades de solidão, suficiência, distanciamento. Na contrapartida, a ilha é também o lugar do outro, do desconhecido, do mistério, do segredo. Dessa forma, a ilha funciona como metáfora:

A metáfora da ilha funciona quase emblematicamente na literatura porque por um lado, remete a uma tradição que arma a série de novela de aventuras e por outro, abre uma linha que tem sua origem na *Utopia* [de Thomas More]. Esta metáfora se constrói com uma figura geográfica que se define como uma porção pequena de terra limitada por água.² (BUENO, 2007, p. 35, grifo do autor, tradução nossa).

Sendo o Brasil um país de identidade insular (Ilha de Vera Cruz), que se configurou (e se configura) em função do grande manto litorâneo, no qual se estende a unicidade lusófona na América Latina, e também a antiga crença nativa de que o Rio do Sul e o Rio do Norte se encontravam em um abraço que cortava o Brasil do continente (GOES, 1991), é fantásticamente contundente que os estudos comparados, em terras tupiniquins, sejam entendidos através da ideia de arquipélagos. Tal ideia perpassa o livro objeto de nossa reflexão: *Arquipélagos: estudos*

²“La metáfora de la isla funciona casi emblematicamente en la literatura porque por un lado, remite a una tradición que arma la serie de la novela de aventuras y por otro, abre una línea que tiene su origen en la *Utopía* [de Thomas More]. Esta metáfora se construye con una figura geográfica que se define como una porción pequeña de tierra limitada por agua” (BUENO, 2007, p. 35, grifo do autor).

de literatura comparada, organizado por Gerson Roberto Neumann, Andrei dos Santos Cunha, Cinara Ferreira e Rita Lenira de Freitas Bittencourt (integrantes do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS). Esse livro surgiu como fruto do *VII Colóquio Sul de Literatura Comparada*, que teve o título de *Arquipélagos*, que ocorreu na UFRGS, entre os dias 9 e 11 de outubro de 2017, e colocou os estudos de literatura comparada na perspectiva insular.

Ao partir da ideia que abre o livro: “[...] as literaturas do mundo estão espalhadas em diversas ilhas” (NEUMANN *et al.*, 2018, p. 7), os nove textos que compõem o livro são cuidadosamente curados na intenção de narrar as ideias de península, ilha e arquipélago como tradição teórica da literatura comparada. Nesse exercício, a coletânea apresenta como texto de abertura “O saber sobre-viver insular: reflexões em torno do arquipélago que dá forma ao literário”, de Gerson Neumann. Sob efeito de teorias do comparatista Ottmar Ette, Neumann analisa a autora Yoko Tawada e as relações de sua obra com a ideia insular e a contraposição com o continente. Neumann trata das fronteiras líquidas do Japão, e isso pode ser entendido como uma metáfora para os limites de deslocamento apresentados em sua argumentação.

O segundo artigo da coletânea, “A transarealidade das literaturas do mundo: América Latina entre Europa, Ásia, África e Oceania”, é de autoria de Ottmar Ette, cuja tradução ficou a cargo de Cláudia Pavan. Ette discorre sobre a ideia de *transarea* e o conceito de *Weltliteratur*, partindo de sua ideia de que as literaturas do mundo são polilógicas, isto é: para o autor, a produção literária se dá no entrecruzamento, na miscelânea. Entendemos, então, que o literário é singular por ser, naturalmente, plural. Já o terceiro artigo do livro é marcado pela inserção da esfera política como plano principal do texto de Leonardo Munk, intitulado “Em busca das ilhas de desordem”. É evocado por Munk o diálogo com Heiner Müller, Georg Büchner, Anna Seghers, Brecht, William Shakespeare e Walter Benjamin, proporcionando um vasto campo de conhecimento e relação entre teorias e literaturas.

O artigo de Andrei Cunha, sob o título de “Unidades não submergíveis”, trata da ideia de ilha como um constructo firme que resiste mesmo sob o efeito de reconfigurações. Cunha coloca em perspectiva as diferentes inferências que se aplicam ao conceito de ilha, na condição de metáfora, como, por exemplo, a solidão, o exílio, o isolamento, o silenciamento e a liberdade, e até mesmo suas proporções idílicas. Tal discussão mantém a linha norteadora do livro e contribui significativamente para o nosso entendimento da metáfora de arquipélago. Já em “Cordão que flutua no mar: literatura”, Vitoru Kinjo traz a história de Okinawa, que se dá nos mares que banham o Japão, e que contorna a história das armas nucleares e da ocupação norte-americana, dois fatos históricos que estão presentes no repertório contemporâneo naquilo que tange às guerras (mas com uma forte influência do fator nuclear) e ao imperialismo norte-americano, hoje em dia diluído na ideia de imperialismo cultural (SAID, 1993).

Em “Identidades em arquipélago: *mare nostrum* - romance (des)montável”, Luciana Rassier analisa a obra de Salim Miguel, deslocando o leitor dos mares orientais para Florianópolis, em Santa Catarina. A identidade é uma temática muito recorrente na modernidade, muito comum na literatura de viagem, na literatura *queer*, e é um tópico muito cabível à proposta literária insular. Assim, o texto de Rassier possibilita o debate dos limites que são instaurados nos contornos do gênero romanesco, principalmente naquilo que tange à narrativa insular. Em “A prosa de Varlam Chalámov como espaço de contato entre a ilha de Kolimá e o mundo”, de

autoria de Denise Regina de Sales, é apresentada uma dicotomia de ilha como paraíso e de ilha como inferno. Nesse sentido, debate-se *confinamento*, *solidão* e *prisão* nos *Contos de Kolimá*, de Varlam Chalámov (2015), permitindo outra perspectiva acerca da ideia de ilha, indo além do imaginário de paraíso.

O penúltimo artigo, assinado por Eduardo Sterzi, atende pelo título de “A ilha do passado e a ilha do futuro: cartografias do tempo latino-americano”. O autor parte de uma abordagem geográfica na qual debate eurocentrismo e identidade, abrindo sua discussão falando da tradição de imaginar as terras mesmo antes de “descobri-las”; gesto que evoca, para nós, a leitura de Benedict Anderson (mesmo que o autor não utilize o teórico como base). Nessa linha, o autor convoca a ideia de narrativa como definidora de nação e identidade, trazendo à tona o fato das grandes viagens e do período colonial como incentivadores dessas narrativas, e de como algumas descrições estão subordinadas à engrenagem colonialista. O texto apresenta também um viés muito interessante sobre definir o latino-americano, e nisso se inscreve, de certa forma, a própria questão do Brasil Latino. No encerramento do livro, temos o artigo “A “mulher” e a questão do “humano” ou: maneiras de interrogar o conceito de “homem””, de Rita Terezinha Schmidt, que questiona a ideia de “homem” como definidor de “humanidade”. Desacomodando o conceito, Schmidt altera a ordem do discurso, colocando em primeiro plano o trabalho de mulheres como Simone de Beauvoir, Hélène Cixous e Luce Irigaray, possibilitando que a visão feminista também permeie o livro.

O livro, assim como o evento, é uma colaboração significativa aos estudos comparados de literatura no sentido que contempla a ideia de *transarea*. Tendo em vista que a literatura comparada, transgressora de territórios nacionais, nasce como comparatismo entre línguas, e depois entre áreas, os estudos *transarea* proporcionam uma nova dimensão na qual uma área transita pela outra criando algo novo. Nesses nove capítulos, encontramos a distribuição das ilhas temáticas que dão vazão aos debates insulares que tratam dos estudos *transareais*. A literatura não é, de forma alguma, fechada em si mesma: interagir com o mundo, representar as gentes e os povos, e ser veículo de debate e de discussão são algumas de suas funções. Da mesma forma, a água que banha os litorais dessas nove ilhas temáticas, que formam o arquipélago, também se encontra com outros mares, outras águas (quentes, frias, serenas e turbulentas), e se encontra também com outros arquipélagos, penínsulas, e até mesmo continentes. O litoral é o espaço em que a água que banha o arquipélago adentra o continente.

Referências

BUENO, M. De islas y utopías en la literatura argentina. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 12, p. 35-52, 2007.

CHALÁMOV, V. **Contos de Kolimá**. Tradução Denise Sales e Elena Vassilevich. São Paulo: Editora 34, 2015.

COSTA, A. Litorais da psicanálise. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 26-30, 2009.

COUTINHO, E. Nota à 2ª edição. *In*: CARVALHAL, T.; COUTINHO, E. (org.). **Literatura comparada**: textos fundadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 7-13.

GOES, S. **Navegantes, bandeirantes, diplomatas**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1991. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/1118-Navegantes_bandeirantes_diplomatas%20_\(08-06-15\).pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1118-Navegantes_bandeirantes_diplomatas%20_(08-06-15).pdf). Acesso em: 23 dez. 2018.

NEUMANN, G. R. *et al.* (org.). **Arquipélagos**: estudos de literatura comparada. Porto Alegre: Class, 2018.

PRAWER, S. S. O que é literatura comparada? *In*: CARVALHAL, T.; COUTINHO, E. (org.). **Literatura comparada**: textos fundadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 312-325.

SAID, E. **Culture and imperialism**. Londres: Chatto & Windus, 1993.

WATT, I. **A ascensão do romance**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.